

História missioneira em tópicos (Parte 2) *

----- Sala 01

A criação das Missões Jesuíticas remonta ao final do século XVI, com a chegada dos padres da Companhia de Jesus à região do Prata. No seu trabalho de catequese, os jesuítas optam pela fundação de aldeamentos estáveis – denominados reduções – que pretendem sejam comunidades cristãs sólidas e duradouras. Os anos de implantação foram difíceis, entre outros motivos, por causa dos constantes ataques dos bandeirantes paulistas, à caça de escravos índios, o que resultou na destruição de várias reduções. Mas a experiência se firma.

Entre 1690 e 1750 o território missioneiro vive seu apogeu. Cerca de 30 reduções se espalham pelos atuais territórios do Paraguai, Argentina e Brasil. É neste período que se fundam à margem esquerda do Rio Uruguai, noroeste do Rio Grande do Sul, os chamados Sete Povos das Missões. Essas reduções se transformam em importantes centros econômicos, onde, além do plantio da erva-mate e da criação de gado, realizam-se, entre outros, trabalhos de fiação, tecelagem e metalúrgica. Destaca-se, nos povoamentos, a produção artística, especialmente atividades ligadas à arquitetura e escultura.

O Museu das Missões, construído pela SPHAN em 1938 segundo o projeto de Lucio Costa, reúne as peças artísticas produzidas nas reduções jesuítas durante os séculos XVII e XVIII que puderam ser recuperadas. A coleção inicial do Museu foi praticamente duplicada por iniciativa do antigo zelador, Sr. Hugo Machado, que durante anos recolheu peças que se achavam espalhadas por toda a região, em igrejas, coleções particulares etc.

A imaginária missioneira tem sido classificada segundo sua estética, por historiadores, em quatro grandes categorias:

1. obras de mestres europeus;
2. esculturas elaboradas por indígenas segundo modelos europeus;
3. obras mistas, que aliam a técnica e o modelo europeus ao espírito indígena;
4. plásticas indígenas.

1602 - Os jesuítas do Paraguai e Tucuman adotam o sistema de reduções no seu trabalho de catequese.

1615/28 - Fundam-se os primeiros povos missioneiros, à margem direita do Rio Uruguai.

1626 - O padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, transpondo o rio Uruguai, começa a criar aldeamentos indígenas no atual território do Rio Grande do Sul.

1628 - Bandeirantes paulistas, à caça de escravos índios, começam a atacar as reduções.

1632 - Funda-se o aldeamento de Itaiacecó que daria origem ao Povo de São Miguel.

1637 - Fugindo aos ataques dos bandeirantes, o Povo de São Miguel se transfere para a margem direita do rio Uruguai.

1639 - O governo espanhol permite que os indígenas aldeados se armem para defesa.

1641 - Os atacantes paulistas são definitivamente vencidos pelas forças missioneiras, na batalha de Mbororé.

1682 - Fundação do Povo de São Borja.

1687 - Livres das hostilidades, os povos de São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Miguel retornam aos seus sítios originais. São Miguel volta ao atual território gaúcho, fixando-se ao norte do Rio Piratini.

1691 - Fundação do Povo de São Lourenço.

1697 - Fundação do Povo de São João Batista.

1706 - Fundação do Povo de Santo Ângelo Custódio.

1750 - Com o Tratado de Madri, índios e jesuítas têm que abandonar a margem oriental do Rio Uruguai. Começa, então, a guerra dos Sete Povos.

1756 - Soldados espanhóis promovem o massacre dos índios das Missões e destroem os aldeamentos.

1759 - O Marquês de Pombal decreta a expulsão dos jesuítas de Portugal e de seus domínios.

1767 - Carlos III expede o real decreto de expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis.

1768 - Os jesuítas são expulsos das Missões, que passam a ser governadas pela administração colonial espanhola.

1801 - Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, com 40 homens, derrotam o exército espanhol de ocupação, que contava com dois mil soldados. Os Sete Povos das Missões são incorporados ao território brasileiro.

1828 - O caudilho uruguaio Rivera invade o Brasil e rouba das Missões imagens, sinos e metais, que enchem mais de 60 carroças.

1833 - As terras das Missões são incorporadas ao patrimônio nacional, pela lei n.º 36, de 21 de outubro.

1938 - Tombamento das ruínas de São Miguel pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

1983 - São Miguel das Missões é declarada, pela UNESCO, Patrimônio Cultural da Humanidade.

----- *Sala 02*

Os Sete Povos das Missões

1. POVO DE SÃO BORJA

A população inicial de São Borja, ou São Francisco de São Borja, veio das reduções de São Tomé e de Jesus-Maria dos Guenoas. A construção da igreja foi iniciada em 1705, segundo risco do arquiteto e escultor Irmão José Brasanelli. Sua opulência pode ser avaliada a partir das dimensões do altar-mor, que custou, segundo a crônica da época, o preço de três mil bois. Em 1694 São Borja tinha 2.888 habitantes; 1.300 habitantes, em 1801, e apenas 200, em 1822.

2. POVO DE SÃO NICOLAU

Eram formados por três mil índios, provenientes da antiga redução de Apóstolos. Eles transpuseram o Uruguai e se fixaram no lugar onde, 61 anos antes, 1626, o mártir Roque Gonzalez fundara uma redução de mesmo nome. Esta redução fora abandonada em 1638, em consequência das incursões dos mamelucos paulistas. Em São Nicolau viveram os melhores escultores das Missões, segundo depoimento do padre Antônio Sepp. Em 1707 o povoamento contava com 5.386 habitantes. Em 1822, apenas 250.

3. POVO DE SÃO LUIZ GONZAGA

Foi formado por 900 famílias que viviam antes na antiga redução de São Joaquim. A igreja, construída sob orientação do arquiteto e padre Miguel Ângelo Pretagazza, possuía três naves. Sua fachada era composta por três portas, nichos e cornijas de pedra sob o pórtico, sustentado por oito colunas. Em 1691, São Luiz Gonzaga contava com 3.049 habitantes; em 1707, 3.997. Em 1822, apenas 200.

4. POVO DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

Por causa dos ataques dos bandeirantes, o aldeamento teve que ser transferido, alguns anos depois de sua fundação, pelo padre Cristóbal de Mendonza, para outra margem do rio Uruguai. Só depois de cessadas as investidas paulistas na região, em 1687, é que São Miguel se restabelece no sítio de origem, onde se situam hoje as duas

ruínas. Inicia-se, então, um período de grande desenvolvimento. Sua Igreja, de risco atribuído ao arquiteto Gian Battista Primoli, foi erguida entre 1735 e 1744, em local onde primitivamente havia outro templo. A igreja se diferencia das de outros Povos por apresentar a nave principal e as laterais separadas por arcadas de pedra. A edificação, aliás, parece nunca ter sido concluída em definitivo, conforme se depreende das representações do templo encontradas em gravuras antigas. Em 1694 o povoamento de São Miguel tinha 4.192 habitantes; em 1707, 3 mil. Em 1822, apenas 600.

5. POVO DE SÃO LOURENÇO

Criado a partir de um desmembramento da redução de Santa Maria, possuía, segundo Saint-Hilaire, a mais bela igreja de todas as Missões. Um incêndio teria causado a destruição do templo, que tinha naves laterais sustentadas por colunas de madeira e cinco altares com retábulos dourados. São Lourenço contava, em 1691, com 3.512 habitantes; com 4.912, em 1707, e apenas 250, em 1822.

6. POVO DE SÃO JOÃO BATISTA

Considerando excessivo o número de habitantes da redução de São Miguel, os jesuítas decidem desmembrá-la, fundando então, em 1697, o Povo de São João Batista. Os trabalhos de construção da igreja foram coordenados pelo Padre Antônio Sepp – arquiteto, escultor e pintor. O altar-mor e o tabernáculo eram de cedro ricamente dourado, com embutidos de madreperla. Os altares laterais foram dedicados à Santa Família e a Santo Antônio de Lisboa. Em 1697, o Povo de São João Batista contava com 3.361 habitantes. Em 1707, a população havia caído para 2.832 habitantes. Em 1822, eram apenas 300.

7. POVO DE SANTO ÂNGELO

Última das sete reduções fundadas no atual território do Rio Grande do Sul, formou-se, assim como São Luiz, com colonos do Povo de Nossa Senhora da Conceição. No seu templo, dois nichos abrigavam as imagens de Santo Inácio de Loyola e de São Pedro Nolasco. Quatro colunas de pedra sustentavam o pórtico. Em 1709, contava 2.879 habitantes. Em 1822, apenas 300.

Sala 03

A organização do espaço urbano, em todas as reduções, obedecia a um mesmo esquema. As aldeias se caracterizavam pelo seu traçado ortogonal. A igreja era o ponto de referência, a edificação principal. Em frente, abria-se uma grande praça, de forma quadrangular. Contíguos ao templo ficava o hospital, o colégio, o cemitério e

outros edifícios. Aos fundos situava-se a quinta dos padres, com jardim, pomar e horta. Nos outros lados da praça é que se construíam as casas de moradia. Eram todas dotadas de varanda contínua, formando uma espécie de galeria coberta, ao longo das ruas, que protegia os transeuntes do sol e da chuva.

Preservar o que restou dos Sete Povos das Missões tem sido uma preocupação constante dos Governos Federal e do Rio Grande do Sul. Já em 1925, a antiga Diretoria de Terras e Colonização gaúcha promovia a limpeza do local onde se erguem as ruínas de São Miguel e o escoramento das partes ameaçadas do monumento. O trabalho foi coordenado pelo engenheiro João Dahne, que para executá-lo utilizou uma grande quantidade de trilhos da ex-viação do Rio Grande do Sul.

A esta intervenção, de resultados estéticos discutíveis, mas fundamental para que as Ruínas se tenham mantido de pé até hoje, seguiram-se várias outras, destacando-se os criteriosos trabalhos de estabilização realizados entre 1938 e 1940 pelo antigo serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob orientação dos arquitetos Lúcio Costa e Lucas Mayerhoffer. Entre 1969 e 1973, escavações arqueológicas revelaram aspectos até então desconhecidos do aldeamento. Entre 1980 e 1981, a SPHAN/Pró-Memória realizou, com a participação de um técnico da UNESCO, um amplo e detalhado diagnóstico do conjunto, que incluiu até o levantamento fotogramétrico e a análise química e petrográfica dos materiais de alvenaria. Jamais outro monumento brasileiro havia merecido um estudo de tal porte.

Os esforços continuam. Em 1985 foram restauradas a cobertura do Museu, a Casa do Zelador e nove imagens missioneiras localizadas na Igreja matriz de São Luiz Gonzaga. Esse trabalho prossegue em 1986 com a restauração, já iniciada, de toda a imaginária que o museu abriga.

** Os textos (tópicos) publicados nesta página são os mesmos que estão afixados nas três salas de exposição do Pavilhão Lúcio Costa, no Museu das Missões.*